



**POLARÓIDES URBANAS: UMA ANÁLISE DOS CONFLITOS DA PÓS-MODERNIDADE NAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS MIDIÁTICAS**

**POLAROIDES URBANAS: AN ANALYSIS OF THE POST-MODERN CONFLICT IN MEDIA SOCIAL REPRESENTATIONS**

Oton Magno Santana dos Santos<sup>1</sup>  
Natanael Reis Bomfim<sup>2</sup>

**RESUMO:** Esse artigo tem o objetivo de compreender os conflitos da pós-modernidade, representados no filme *Polaróides Urbanas* (2008), através das práticas sociais dos sujeitos. Especificamente, buscamos neste trabalho discutir a diversidade de elementos da representação social, os quais se relacionam, dialeticamente, na constituição social dos sujeitos, destacando as complexidades, que surgem à medida que eles interagem com os outros em seus diferentes espaços de vivência. Nas narrativas pós-modernas, a representação de processos de construção e desconstrução de identidade oferece um leque de possibilidades no que tange à compreensão e o reconhecimento das diversas máscaras sociais presentes no perfil da nossa sociedade. Pesquisadores como Hanna Arendt (2007), Linda Hutcheon (1991), Nestor Garcia Canclini (2008), Stuart Hall (2005), Martin-Barbero (2004) e Muniz Sodré (2000) fundamentam as reflexões presentes neste trabalho.

**PALAVRAS-CHAVE:** identidade, representação social, pós-modernidade

**ABSTRACT:** This paper aims to understand the conflicts of post-modernity, represented in the film *Polaróides Urbanas* (2008), through the social practices of the subjects. Specifically, we seek in this paper to discuss the diverse elements of social representation that are related dialectically in the social formation of subjects, highlighting the complexities that arise as they interact with others in their different living spaces. In post-modern narratives, the representation of processes of construction and deconstruction of identity offers a range of possibilities when it comes to understanding and recognition of various social masks in the profile of our society. Researchers such as Hanna Arendt (2007), Linda Hutcheon (1991), Nestor Garcia Canclini (2008), Stuart Hall (2005), Martin-Barbero (2004) and Muniz Sodré (2000) underlie the reflections in this work.

**KEYWORDS:** identity, social representation, post-modernity

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz (Ilhéus-BA). Professor auxiliar da Universidade do Estado da Bahia – UNEB e participa do grupo de Pesquisa História da Literatura e História da Leitura. Email: [otonmagno@gmail.com](mailto:otonmagno@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Didática em Geografia pela Universidade do Quebec em Montreal. Professor Adjunto da Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus-Bahia, no Programa de Mestrado de Cultura e Turismo e no Curso de Licenciatura em Geografia. E-mail: [natanaelreis@uol.com.br](mailto:natanaelreis@uol.com.br).



## INTRODUÇÃO

Em uma economia globalizada, a tendência é dar ênfase à questão da identidade como elemento fundante da constituição social do sujeito. Entretanto, esse como ator social responde com representações simbólicas peculiares, como alternativa à uniformidade apregoada pelo neoliberalismo. Assim, as diversas identidades surgem e se fragmentam como uma construção da pós-modernidade, um artifício criado no sentido do fortalecimento de uma pertença a um mesmo espaço simbólico (o palco), atribuindo uma transcendência a determinados símbolos culturais que atestam o caráter singular de uma determinada sociedade (Bomfim, 2006).

Neste cenário, os debates e pesquisas sobre as questões relacionadas às identidades individuais e coletivas, às classes, ao gênero, à etnia, às diversas representações simbólicas estão ao seio das academias e, nesse caso, são como um fermento para o entendimento da sociedade brasileira e seus conflitos.

O projeto nacionalista criado pelos intelectuais do século XIX consolidou o pensamento de uma pequena parcela da sociedade brasileira preocupada em fundar uma identidade nacional, essencialmente dissociada de Portugal. A literatura foi, talvez, o principal recurso utilizado para efetivar tal proposta. Vários profissionais de diversas áreas participaram do projeto, investigando a nossa história através de pesquisa bibliográfica, catalogando texto e editando obras. A conclusão a que se chega, segundo críticos como Silvio Romero, Machado de Assis e José Veríssimo é a de que nós não possuímos uma identidade brasileira, pois copiávamos tudo o que vinha de fora e sempre tivemos a Europa como parâmetro. Dessa forma, a nossa identidade estaria na visão dos referidos críticos, submetida à Europa desde que continuássemos a querer atingir o universal sem criar um espírito verdadeiramente nacional.

Imbuídos de correntes científicas e filosóficas que imperaram no século XIX como o Positivismo, o Evolucionismo, o Cientificismo, o Determinismo, dentre outras, os críticos expunham uma visão completamente pessimista em relação à formação da sociedade brasileira. Em suas pesquisas, concluíram que somos preguiçosos, temos a



tendência a imitar tudo o que é estrangeiro, não possuímos o hábito da reflexão e apresentamos carência de idéias próprias. Além disso, na ótica de José Veríssimo, apenas o português contribuía para a formação do povo brasileiro. O negro e o índio contribuíram de modo indireto, mas não como sujeitos atuantes do processo. Esta é uma das representações da concepção de construção da identidade que irá provocar discussões até a contemporaneidade.

Porém, outros elementos e outras formas de entender a cultura se formaram ao longo do tempo, principalmente no que tange às representações que implicam valores e identidades. Essas que podem ser individual, de grupo, cultural, profissional e do espaço, segundo Hall (2005), são difíceis de serem conceituadas uma vez que, hoje, em função das diversas territorialidades, elas se constituem de uma fluidez, estruturando-se e desestruturando-se ao longo do tempo.

Na contemporaneidade, refletindo as bases desses aspectos, assim como as contribuições, as referências e os discursos que apóiam os trabalhos realizados nesta área, o momento é oportuno para tais reflexões, uma vez que o quadro sócio-político-econômico permite as mais diversas manifestações de identidades no decorrer do seu processo de construção, desconstrução e reconstrução.

Nesse sentido, para Martín-Barbero (2004), ao surgirem, as identidades não se enquadram e não se associam às outras já existentes de imediato. E não seguem lógicas quando se associam. Portanto, o sujeito resultante destas combinações apresenta-se fragmentado, o que desafia todo o conceito atribuído ao próprio, no que se refere à sua constituição social.

Essas idéias, sobre identidade, são reforçadas, na medida em que Moscovici (1961) insere, a partir das idéias de representações coletivas de Durkheim, as representações sociais como teoria e método, definidas por como um conjunto de idéias, opiniões, valores, preconceitos e estereótipos que os indivíduos têm sobre um objeto social. Estes elementos são fomentadores da construção da identidade entre o sujeito e o objeto social.

Nessa perspectiva, trataremos as análises discursivas do filme *Polaróides Urbanas* (2008), a fim de apreender os elementos dessa forma de representação social, cujos



conteúdos se relacionam, dialeticamente, em toda complexidade da constituição social e identitária dos sujeitos, envolvendo seus conflitos e suas práticas sociais nos seus diversos espaços de vivência

Para tal, recortamos cuidadosamente os verbatins, intercalando a escuta do material gravado com a leitura do material transcrito deixando aflorar os elementos contidos nas RS e permitindo emergir os investimentos afetivos e conflituosos identificando por sua vez, os significados dessas representações elaboradas pelos discursos dos sujeitos, para depois apreender os elementos do conteúdo das RS, definido pela frequência das evocações dos saberes partilhados por eles.

Finalmente, para investigar as diversas imagens identitárias, as análises do conteúdo do discurso foram feitas a partir das categorias de análises temáticas que nortearam o trabalho, apoiada pelos elementos do quadro teórico/conceitual.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Lembramos que a representação social é concebida como uma forma de conhecimento que intermedeia as relações do sujeito com o objeto social e seu espaço de vida, através de imagem e dos elementos das diversas representações de uma certa realidade social. Estas representações designam uma forma de pensamento social e de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado. Assim elas asseguram três principais papéis na vida dos grupos e dos indivíduos: 1) interpretação e compreensão do ambiente social e cultural (ABRIC, 1987; JODELET, 1989; MOSCOVICI ET HEWTONE, 1984), 2) regulação das relações entre os grupos (DOISE, 1990; DOISE, CLEMENCE ET LORENZI-CIOLDI, 1992), 3) atividades de julgamento e de avaliação (ABRIC, 1994; DOISE, 1992; MOLINER, 1995).

O filme (PU) retrata esses papéis: interpretação e compreensão do ambiente social e cultural, regulação das relações entre os grupos e atividades de julgamento e de avaliação, que serão analisados de forma dialógica, entre os discursos dos sujeitos e dos autores aqui abordados.



Para um melhor entendimento, pelo leitor, tentaremos elucidar a complexidade da constituição social do sujeito, na pós-modernidade, trazendo à luz as idéias de Martin-Barbero (2004) sobre as relações que se estabelecem entre ele, a sociedade e o seu espaço de vivência. Para esse autor:

Faz-se difícil para nós “viver” sem as seguranças que ofereciam os grandes paradigmas globalizadores, e a tentação continua sendo ainda forte de dissolver as tensões enunciadas nos conceitos convertendo em mero tema neutro e asséptico o que são conflitivas pistas de investigação e esforços de conexão com as contradições sociais. (MARTIN-BARBERO, 2004, p. 211).

Dessa forma, essa percepção da sociedade atual não significa desconsiderar ou negar os conceitos até então vigentes. No entanto, na atual conjuntura passamos a perceber elementos constituintes da nossa formação social, tipos étnicos, lingüísticos, dentre outros que já existiam desde a época da formação das velhas identidades, mas que não se percebiam ou não se queriam enxergar. São esses elementos que por ora desafiam as nossas certezas pautadas em definições que atendiam a um determinado propósito: a manutenção de uma hegemonia.

Essa concepção fortalece a idéia de fragmentação e fluidez no processo de construção e reconstrução identitária dos sujeitos, bem como de outros tipos de identidade. Trata-se, neste momento, de reconhecer-se, segundo Bomfim (2005), como homem multidimensional, enquanto ser antropológico, lingüístico, econômico, ou seja, produtor e consumidor de cultura, como ser biológico, aquele indivíduo da espécie humana que nasce, cresce, reproduz e morre, como ser filosófico que discute sua existência, o ator social, sociológico, que exerce suas práticas sociais e estabelece suas diversas máscaras sociais no espaço de vivencia. Isto nos leva a afirmar que é encontrar-se no outro, naquele que a sociedade não conseguia enxergar, no passado, como atesta Hall (2005, p.9):

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou



descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo.

Essa consciência, a qual o autor, nomeia “crise” representa dessa forma, uma tentativa de explicar e tentar entender ao mesmo tempo os processos pelos quais as sociedades passam. No entanto, a nossa necessidade de explicar mais do que entender as transformações das quais somos resultantes nos faz retornar às concepções antigas, nas quais havia explicação para todas as coisas e o que não conseguíamos não seria mencionado. Com base nessas reflexões acerca de identidades cada vez mais plurissignificativas e híbridas, propõe-se através deste trabalho fazer uma análise das nossas identidades no que se convencionou chamar pós-modernidade, através do filme *Polaróides Urbanas* de Miguel Falabella.

O filme mostra vários retratos da nossa sociedade de pessoas que se escondem ou que têm algo a esconder. Não existe a famosa busca da felicidade, mas a busca do entendimento, da aceitação do ser por ele mesmo. Os tais retratos se aproximam e se afastam sem interferir, efetivamente, na continuidade um do outro. Além disso, os problemas são apenas remediados, mas não resolvidos. Os principais quadros representados na obra são uma atriz que sofre de síndrome do pânico; uma terapeuta incapaz de exercer seu papel de mãe de uma adolescente viciada; uma dona de casa infeliz no casamento e que tem uma relação mal resolvida com a irmã gêmea a qual está sempre viajando, pois é mais rica do que a outra; uma garota deslumbrada com a própria beleza; um garoto de programa apaixonado e desprezado pela amada e uma empregada que, praticamente, criou a filha de sua patroa e se sente responsável pela garota.

No passado, convencionou-se relacionar o sujeito com a sociedade. Desse modo, as explicações as quais o referido sujeito necessitava encontravam respostas em outros sujeitos considerados importantes à sua formação na sociedade da qual fazia parte. Atualmente, esse eixo deslocou-se. As certezas cederam espaço às possibilidades. Tomando como exemplo a doutora Paula, terapeuta do filme aqui estudado, encontramos o seguinte quadro: uma mulher que aparentemente possui o respeito da sociedade, divorciada, vive com a filha, uma viciada e visivelmente perturbada e a empregada, que passa o dia com a



menina enquanto a mãe trabalha. Aparentemente, tudo estaria normal, pois é assim que ambas se comportam, exceção da menina que não consegue disfarçar os seus dramas. A Dra. **Paula**, embora profissional dedicada e respeitada, não tem capacidade de lidar com os seus próprios problemas. Valoriza tanto sua vida profissional que passa a tratar os assuntos pessoais também de maneira profissional. É um ser que vive para o trabalho, mesmo quando não o está exercendo, preferindo delegar suas responsabilidades de mãe à empregada.

O retrato descrito acima poderia ser visto como algo normal nos dias atuais, afinal, vivemos num mundo que valoriza cada vez mais o ter em função do ser. No entanto, nossas referências se metamorfoseiam, revelando-se incapazes de serem tomadas como tais. Por isso, aqui, o sujeito pós-moderno tende a se esconder. Não há mais as identificações imediatas, explicadas didaticamente. Isso dificulta a exposição, uma vez que a nossa formação social nos ensinou não apenas a buscar referências, mas a sê-las também. Hall (2004) explica esta mutação.

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (idem, 2004, p. 12)

O sujeito, formado a partir das antigas concepções de identidade, não consegue se reconhecer no processo atual. A personagem **Paula** tem como referência mais próxima sua empregada Crioula, negra, que afirma ter criado a filha da doutora, inclusive servindo de ama de leite. O choque cultural entre as duas cada vez mais se acentua à medida que os problemas da filha da médica, **Melanie**, se intensificam, pois surge, ainda que de forma velada, a disputa pela autoridade em relação à menina. Por outro lado, os papéis estão bem definidos. Numa passagem em que a garota tenta o suicídio, é socorrida e vai para um hospital, ao retornarem, a empregada, negra, volta de ônibus. Ou seja, embora se sinta atuante, e de certa forma isso é verdade, o lugar ocupado por **Crioula** permanece o



mesmo, enquanto a doutora, em crise, tenta reafirmar os papéis de cada uma das pessoas com as quais convive e não consegue, pois não percebe que não é capaz de resolver os seus próprios problemas. A disputa pela autoridade segue uma batalha silenciosa revelando as instâncias do poder envolvidas naquela situação. O poder legitimado, mesmo que em certas situações se apresente vacilante, está configurado na pessoa da doutora, afinal, até mesmo a forma como se dirige à filha e à empregada é representada por um discurso imperativo e autoritário. Segundo Linda Hutcheon (1991, p. 235), “discurso é ao mesmo tempo um instrumento e um efeito do poder (...)”. Mesmo que a empregada reivindique sua autoridade como responsável pela criação da menina, o que de fato já é uma representação do poder afinal ocupa socialmente posição inferior ao da patroa e mesmo assim consegue expressar-se, a sua fala não é páreo para todas as configurações que envolvem a legitimidade do discurso da doutora:

O discurso não é uma entidade estável e contínua que possa ser discutida como um texto formal fixo; por ser o local da associação entre o poder e conhecimento, ele vai alterar sua forma e sua relevância dependendo de quem está falando, da posição de poder dessa pessoa e do contexto institucional em que o falante esteja situado. (FOUCAULT apud HUTCHEON, 1991, p.235)

Portanto, com todas as falhas da doutora **Paula**, observadas por **Crioula** e ainda que receba as atenções da filha da médica, além da questão social outras tão relevantes quanto esta se apresentam: gênero e raça. Embora ambas sejam mulheres, uma ocupa o lugar de dominante e a outra de dominada. Esta seria, facilmente, enquadrada no que se convencionou denominar minoria:

O conceito de minoria é o de um lugar onde se animam os fluxos de transformação de uma identidade ou de uma relação de poder. Implica uma tomada de posição grupal no interior de uma dinâmica conflitual. Por isso, pode-se afirmar que o negro no Brasil é mais um lugar do que o indivíduo definido pura e simplesmente pela cor da pele. (MUNIZ SODRÉ, 05, p. 12):

Associando a idéia desse mesmo autor, ao personagem **Crioula** que experimenta esta transformação, numa relação que envolve valor e diferenciação. Verificamos que, embora as questões referentes à discriminação racial não sejam abordadas na obra em questão, percebe-se que o espaço ocupado pela personagem está institucionalizado, pois se



tem a impressão de que ela possui algum poder, conquistado ao longo dos anos, no que tange à organização da casa e a educação da garota que cuida, principalmente pela forma como se dirige à patroa. Não é submissa e em todas as vezes que participa de embates com a “doutora”, tendo como troféu a filha desta, sai vitoriosa. No entanto, o seu poder esbarra na autoridade profissional de mãe exercida pela referida médica, pelas razões já mencionadas. Nesse sentido,

A orientação prática do sujeito para a ação social, obtida por comparação de termos dentro de um quadro em que se confrontam e se escalonam equivalências diversas. Nenhum valor é neutro, pois espelha as convicções e as crenças de um sistema particular – é uma significação já estabelecida (...). Quanto à diferenciação é preciso notar que a multiplicidade tem principalmente a ver com possibilidades e não com identidades. A diferença não é um ponto de partida, mas de chegada – ponto de partida são as possibilidades concretas de diferenciação. Deste modo, a discriminação será o não reconhecimento da exclusão do outro nos percalços da diferenciação, ou seja, do movimento complexo dentro do estatuto da identidade. A verdade, enquanto identidade do mesmo, resulta da discriminação. (SODRÉ, 1999, p. 14-15)

As personagens envolvidas parecem estar seguras do seu papel, no que tange ao confronto social. Não discutem os processos dos quais são resultantes, mas ao mesmo tempo fornecem material suficiente e propício às discussões e aos conflitos gerados na pós-modernidade. Apenas pela compreensão ou pela busca dela, ambas explicam, através da intimidade, do olhar, de gestos e ações as suas histórias recheadas de diferenças, mas com possibilidade de convívio mesmo que, a cada dia, isso seja testado.

Outra personagem que desafia a si mesma buscando uma explicação para seu próprio ser é *Lise Delamare*. Trata-se de uma atriz que, sofrendo de pânico, esquece suas falas numa encenação de Antígona, de Sófocles e resolve desabafar com o seu público, afirmando não querer que ninguém a veja. Prosseguindo, filosofa sobre a vida e resolve chamar uma pessoa da platéia para explicar o porquê de sua ida ao teatro naquele momento. A convidada, então, explica que a conhece, pois ambas se tratam com a mesma terapeuta e conta a sua história. A partir desse momento, as narrativas se entrelaçam, revelando o caráter independente do mundo pós-moderno, onde nenhuma narrativa é superior. Ao contrário, as narrativas promovem contatos e criam pontos de partida para um entendimento global. Trata-se de uma relação que tem como aspecto característico, o



híbrido, conforme, sobre sua definição, afirma Canclini (2008, p. XIX): “Parto de uma primeira definição: entendo por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas.”

Dessa forma, a trajetória das personagens *Lise e Magali* exemplificam o termo híbrido definido por Canclini (2007). A primeira, ao sair de mais uma consulta é abordada por diversas pessoas e, sofrendo, entra numa loja, na qual é, praticamente, obrigada a comprar um relógio. Sua trajetória atinge o ápice quando é assaltada. A segunda vive se queixando de sua vida sem graça, pois tem um marido que não lhe dá atenção e uma irmã, que possui uma condição social e econômica melhor que a sua, o que lhe provoca inveja. Por dividirem a mesma terapeuta, *Lise e Magali* cruzam-se todas as vezes que vão se consultar mas nunca trocam uma palavra sequer. Ou seja, o mundo das duas permanece intacto. O outro não interfere no “eu”. A aproximação permite apenas a possibilidade de novo contato, mas não de transformação ou criação de nova ação social.

O quadro se completa com *Vanessa e Mike*. A primeira, linda garota de Copacabana, usa sua beleza para descolar a cada noite um rapaz diferente. Usuária de um tipo de droga, sente-se estimulada a brincar com os homens. Um desses, o garoto de programa *Mike*. Enquanto a primeira cria um mundo particular, idealizando uma realidade a cada dia, o segundo se conscientiza do espaço a que pertence e se desespera ao constatar que sua única referência, *Vanessa*, não atende às suas necessidades. Essa diferença entre os personagens evidencia o paradoxo social no qual as sociedades se encontram. Não nos damos conta do nosso caráter diverso, fragmentado, plural e ao mesmo tempo tão próximos um do outro, pelo simples fato de nos reconhecer humanos, conforme afirma Hannah Arendt (2007, p. 16): “A pluralidade é a condição da ação humana pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir.”

A conclusão a que *Mike* chega o torna diferente dos elementos que compõem o seu quadro social, pois aos demais essa consciência da fragmentação e da expansão do mundo que habita ainda não chegou. Para ele, o choque começa a partir de sua própria



existência e só expõe os seus conflitos, quando resolve cometer suicídio, a um grupo de apoio ao suicida. Para Vanessa, a aceitação do mundo como ele se mostra sem reflexões ou indagações filosóficas ou não é o melhor caminho para sobreviver no seu ambiente idealizado. Por isso, recria sua realidade a cada noite, numa balada recheada de bebidas, sexo e drogas. Tanto um quanto o outro se enquadram nos possíveis esquemas gerados dentro da nossa sociedade. Embora sejam criaturas diferentes, ambos apresentam em comum o condicionamento às ações que sofrem praticadas por elementos externos, mesmo utilizando caminhos que não se assemelham. Isso os revela sujeitos com múltiplas identidades, portanto essencialmente humanos.

Nessa concepção biológica, onde o ser da espécie humana é constituído socialmente, como homem, numa diversidade antropológica, Arendt reforça dialeticamente, essa ideia de fragilidade e fortalecimento como uma condição existência do sujeito. Assim:

A condição humana compreende algo mais que as condições nas quais a vida foi dada ao homem. Os homens são seres condicionados: tudo aquilo com o qual eles entram em contato, torna-se imediatamente uma condição de sua existência. O mundo no qual transcorre a *vita activa* consiste em coisas produzidas pelas atividades humanas; mas constantemente, as coisas que devem sua existência exclusivamente aos homens também condicionam os seus autores humanos. Além das condições nas quais a vida é dada ao homem na Terra e, até certo ponto, a partir delas, os homens constantemente criam as suas próprias condições que, a despeito de sua variabilidade e sua origem humana, possuem a mesma força condicionante das coisas naturais. O que quer que toque a vida humana ou entre em duradoura relação com ela, assume imediatamente o caráter de condição da existência humana. É por isto que os homens, independentemente do que façam, são sempre seres condicionados. (ARENDR, 2007, p. 17)

Esse fragmento ilustra não apenas a relação dos jovens, mas também dos demais personagens aqui expostos e da sociedade como um todo. Em suma, trata-se de um mundo que se afirma e se nega ao mesmo tempo, através de suas representações como identidade, cultura, conflito, reconhecimento, dentre outros. O sujeito pós-moderno, portanto identifica-se na crise ou nas revelações que a realidade atual expõe, pois ao contrário das práticas sociais do passado, as sociedades e os sujeitos que as compõem, mesmo quando



não revelam, sabem-se fragmentados e incapazes de explicar o seu estar no mundo através de práticas institucionalizadas.

Essas concepções são cruciais para o entendimento da aceitação do diferente dentro de um espaço subjetivo, onde os sujeitos são iguais perante os códigos sociais que estabelecem as regras, as normas e os dogmas de condutas sociais (DURKHEIM, 1963). È nesse conceito de subjetividade, que inserimos as idéias de Sodré, quando relaciona o grupo, a cultura e o sujeito (indivíduo). Para ele:

O grupo, ou a cultura, é imanente ao indivíduo, mas este reencontra-se no grupo. O subjetivo é também trans-subjetivo. Isto não quer dizer que o grupo ou a cultura tenha uma “personalidade” equivalente à do sujeito individualizado (enunciável em sentenças do tipo “os nortistas são lentos, os sulistas são rápidos) nem que mecanismos coletivos definam-se perfeitamente em indivíduos (“os orientais agem sempre em bandos”). Quer dizer, sim, que as duas dimensões, a individual e a grupal interpenetram-se e constituem-se dialeticamente, distinguindo-se no tempo oportuno enquanto função. Isso vale para grupos e indivíduos de qualquer latitude civilizatória. (SODRÉ, 1999, p. 139)

Por isso, pessoas tão diferentes com concepções diversas conseguem habitar o mesmo espaço, desde que este seja definido pelas estruturas sociais. Os conflitos pessoais quando são expostos não têm a finalidade de resolver um problema de natureza coletiva, mas representam a necessidade de se fazer ouvir do sujeito dentro de um grupo do qual faz parte, pois esse espaço plural, coletivo e fragmentado torna-se a referência para os que o compõem. Esse espaço, geralmente, é representado por uma metrópole. Comumente se explica a modernidade através do movimento das grandes cidades. Seria lugar comum atribuir a responsabilidade a apenas um elemento. Vários aspectos contribuem para uma transformação diária tanto no espaço físico quanto na vida de cada sujeito que habita o supracitado espaço. Além disso, as cidades possibilitam cada vez mais a “comercialização” da comunicação, isto é, a informação, ainda que atenda a interesses particulares de alguns órgãos públicos e privados, democratiza-se e transforma-se na relação com os indivíduos.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aqui, quando se assume uma concepção do estudo sob o viés da representação social, não se pretendeu chegar a construção de uma verdade, ou do estabelecimento de um conhecimento pronto e acabado. A noção que se busca explicitar é a de um trabalho interpretativo, onde os signos e os símbolos sociais se apresentam na perspectiva aberta de compreensão dos seus sentidos e significados.

Assim, levando-se em consideração que a dimensão que se tem de espaço varia conforme o nosso grau de percepção e afetividade, que vai do subjetivo ao subjetivo. Neste contexto, verifica-se que os conflitos existenciais e sociais vividos pelos personagens do filme PU, se encontram repleto de mitos, símbolos e sentimentos de acordo com a realidade de cada um.

Para esses personagens (eles), a cidade e os espaços que a compõem “falam” por si e evidenciam a personalidade de cada um. Assim temos o espaço público e o privado representados pelo consultório e pela casa da doutora Paula, O teatro, a boate, a casa de *Magali*, o shopping, as cidades visitadas por *Magda*, etc. Aqui os espaços se confundem, pois com exceção das residências, os demais mesmo quando possuem uma natureza privada acabam se tornando público, como a boate, o shopping, o teatro e, principalmente, a “invasão” de privacidade sofrida pela atriz *Lise Delamare*. Dessa forma, o quadro, finalmente, se revela na tragédia que a própria atriz encena. Não há solução para nenhum dos conflitos vivenciados por cada um dos personagens aqui mencionados e também não há preocupação em resolvê-los. O que se percebe é uma tentativa de saber conviver com esses conflitos e aceitá-los, não para viver em harmonia dentro do grupo, mas para promover a mesma internamente, ou seja, praticar o autoconhecimento e tudo mais que este possa revelar.



Portanto, temos um cenário onde as identidades que o constituem dialogam sobre as questões mais recorrentes no momento, revelando o seu caráter dialético. O discurso da pós-modernidade se revela devastador, contraditório e desafiador, o que provoca uma reação de reavaliação do sujeito pelo próprio sujeito, tornando-o singular, uma vez que não se consegue afirmar ou reafirmar nada, pois pelas características que apresenta, não pode servir de base para nenhuma das reflexões que possam advir dos seus componentes. Por isso, a referência, que sempre foi o passado, encontra-se num espaço, onde todas as ações praticadas pelos sujeitos podem ser relevantes e/ou desnecessárias e quem decide isso é o próprio sujeito, seja enquanto membro de um grupo social, seja na intimidade do seu eu. Daí, conclui-se que o indivíduo pertencente a uma determinada sociedade tende a desafiar os conceitos institucionalizados através dos seus atos e de como reage frente às ações praticadas pelos outros. Desafiando o externo, desafia-se ao mesmo tempo, pois como elemento constitutivo de uma sociedade, é responsável por todos os processos transformadores pelos quais esta passa. Reconhecendo tais peculiaridades, reconhece-se, conseqüentemente, a diferença que representa a descentralização das práticas hegemônicas, ainda que a partir disso, criem-se novas hegemonias, uma vez que, como já foi explicitado, o caráter do homem pós-moderno é contraditório, discursivo e também provisório. Logo, as hegemonias, assim como as identidades, são diversas e se apresentam cada vez mais heterogêneas, principalmente as sobressaídas das minorias, da mesma forma que as ações e os comportamentos dos personagens descritos no filme *Polaróides Urbanas*.

## REFERENCIAS

Abric, J.-C. Les représentations sociales. In: J. C. Abric (Org.). *Coopération, compétition et représentations sociales* (p. 57-80). Fribourg (Suisse) : Del Val, 1987.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 10ª ed, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BOMFIM, N. R. O conceito de patrimônio numa perspectiva multidisciplinar: contribuições para uma mudança de enfoque. *Revista Turismo & Desenvolvimento*. São Paulo, 2006, vol. 5, n.1, p. 27-35.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas*. 4ª ed, 3ª reimpressão, São Paulo: Edusp, 2008.



DOISE, W. Les représentations sociales. In :Chiglione, R., C. Bonnet., J-F. Richard (Orgs.). *Traité de psychologie cognitive* (p.111-174). Paris : Dunod, 1990.

DOISE, W., CLEMENCE, A., et LORENZI-CIOLDI. *Représentations sociales et analyse des données*. Grenoble : PUG, 1992.

DURKHEIM, E. (1963). *Sociologie et philosophie*. Paris : PUF, 1963.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10ª ed, Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo, história, teoria, ficção*. Trad. Ricardo CRUZ. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JODELET, D. Représentations sociales: un domaine en expansion. In :D. Jodelet (Org.). *Les représentations sociales* (p. 31-61). Paris: PUF, 1989.

MARTIN-BARBERO, Jesús. *Ofício de cartógrafo*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MOSCOVICI, S. *La psychanalyse : son image et son public*. France : PUF, 1961.

MOSCOVICI, S. et HEWTONE, M. (1984). De la science au sens commun. Dans S. Moscovici (dir.). Introduction à la psychologie sociale (p.539-566). Paris : PUF.

POLARÓIDES URBANAS, DVD, LUCY E LUIS CARLOS BARRETO, GLOBO FILMES E MIRAVISTA, 2008, duração: 82 minutos apros, cor.

SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros*. 2ª ed, Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. Por um conceito de minoria. In: *Comunicação e cultura das minorias*. (Org.) PAIVA, Raquel e BARBALHO, Alexandre. São Paulo: Paulus, 2005.